



SOBRE A VELHICE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE IDOSAS

SOBRE LA VEJEZ: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LAS MUJERES MAYORES

ABOUT OLD AGE: SOCIAL REPRESENTATIONS OF ELDERLY WOMEN

Logan Andrade dos Santos¹
Mara Marçal Sales²

RESUMO: O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada dentro do programa institucional de bolsas de iniciação científica (PIBIC) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2021. A investigação, de cunho qualitativo, teve como objetivo analisar, sob o ponto de vista de mulheres idosas, a representação social sobre a velhice e o envelhecimento. O estudo envolveu a realização de 8 (oito) entrevistas com mulheres idosas, habitantes da cidade de Belo Horizonte. Em diálogo com o referencial teórico, foi realizada uma análise fatorial de correspondência. Foi possível inferir que, para as participantes, há um processo ambíguo nas representações sociais da velhice, pois esta etapa aparece tanto de forma positiva como de forma negativa. Essa ambiguidade parece demonstrar uma constante mudança nas representações, acelerada por múltiplas variáveis, sejam elas sociais, culturais, econômicas, laborais e também, tecnológicas.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais; velhice; envelhecimento; idosas.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada en el marco del programa institucional de becas de iniciación científica (PIBIC) de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais, en 2021. La investigación, de carácter cualitativo, tuvo como objetivo analizar, desde el punto de vista de Mujeres adultas mayores, la representación social de la vejez y el envejecimiento. El estudio implicó la realización de 8 (ocho) entrevistas con mujeres ancianas, habitantes de la ciudad de Belo Horizonte. En diálogo con el marco teórico, se realizó un análisis de correspondencia factorial. Fue posible inferir que, para los participantes, existe un proceso ambiguo en las representaciones sociales de la vejez, ya que esta etapa se presenta tanto positiva como negativamente. Esta ambigüedad parece demostrar un cambio constante en las representaciones, acelerado por múltiples variables, ya sean sociales, culturales, económicas, laborales y también tecnológicas.

PALABRAS CLAVE: representaciones sociales; vejez; envejecimiento; anciano.

ABSTRACT: This article presents the results of a research carried out within the institutional scientific initiation scholarship program (PIBIC) of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais, in 2021. The investigation, of a qualitative nature, aimed to analyze, from the point of view of elderly women, the social representation of old age and aging. The study involved carrying out 8 (eight) interviews with elderly women, inhabitants of the city of Belo Horizonte. In dialogue with the theoretical framework, a factorial correspondence analysis was carried out. It was possible to infer that, for the participants, there is an ambiguous process in the social representations of old age, as this stage appears both positively and negatively. This ambiguity seems to demonstrate a constant change in representations, accelerated by multiple variables, be they social, cultural, economic, labor and also technological.

KEYWORDS: social representations; old age; aging; elderly.

1 INTRODUÇÃO

Há alguns anos tem sido disseminada a discussão sobre o envelhecimento progressivo da população mundial. Nos países de maior desenvolvimento econômico, os avanços científi-

¹ Psicólogo, pós-graduando em gerontologia – PUC Minas – E-mail: logan.psico28@gmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e Doutora em Educação, Responsável pela Orientação do Trabalho – E-mail: mmarrsal@yahoo.com.br

cos e políticos propiciaram uma ampliação do acesso à saúde, bem como um aumento na qualidade de vida, que, acompanhados da possibilidade de controle da natalidade, geraram um contexto social de crescimento gradativo da população idosa. Outro elemento que contribui para este processo é a maior expectativa de vida, também resultado do progresso científico.

Sobre a realidade brasileira, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) informa que:

Em 2012, a população com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões. Os 4,8 milhões de novos idosos em cinco anos correspondem a um crescimento de 18% desse grupo etário, que tem se tornado cada vez mais representativo no Brasil. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

Da mesma forma, a Organização Mundial da Saúde (2015, p.5) argumenta que, com um número de pessoas idosas jamais atingidos em outras épocas, “pela primeira vez na história, a maioria das pessoas pode esperar viver até os 60 anos e mais”. E acrescenta a entidade, “até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015, p. 5).

Pesquisadoras do tema também apontam para a emergência desse fenômeno, como afirmam Costa e Freitas (2000, p. 16), “Graças à redução da taxa de fecundidade e ao aumento da expectativa de vida, a longevidade tem se tornado um fato crescente no mundo, e o Brasil vem acompanhando essa tendência, cujo nome é ‘envelhecimento populacional’.” Moratelli (2020) apresenta uma organização das idades, decorrente do fenômeno do envelhecimento populacional, indicando a necessidade de diferenciação dentro do próprio grupo etário idoso. De acordo com a autora

Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em: Primeira idade: de 0 a 20 anos; Segunda idade: de 21 a 49 anos; Terceira idade: de 50 a 77 anos; Quarta idade: de 78 a 105 anos. Há também uma outra classificação para os idosos em três ramos: idoso jovem, dos 66 aos 74 anos; idoso velho, dos 75 aos 85 anos; dos 86 em diante ocorre a manutenção pessoal.” (MORATELLI, 2020, p. 186).

Os dados sobre a ampliação do número de idosos mostram que é preciso considerar as implicações trazidas pelo fenômeno do envelhecimento populacional para a política, a cultura, o lazer, os transportes, a infraestrutura, a saúde, dentre outros tópicos, dada a sua crescente relevância e indiscutível complexidade.

Magnabosco-Martins *et. al.* (2009) apontam para o desenvolvimento recente da gerontologia e para o fato de que, quando os estudos do envelhecimento se iniciaram, acreditava-se que, ao envelhecer, a pessoa deixava de se desenvolver, adoecia e precisaria se afastar de tudo

o que lhe dava sentido. Atualmente, as pesquisas têm demonstrado a riqueza presente nas diferentes expressões da velhice. A magnitude desse processo expressa cada vez mais a existência de velhices diferentes, construídas, construtoras e reformadoras de representações sociais (RS).

Tendo em vista a importância assumida pelo tema do envelhecimento na atualidade, o presente artigo tem o objetivo de apresentar os dados coletados em pesquisa que se propôs a analisar as RS's que envolvem o processo de envelhecimento. As RS's são formas com as quais os grupos presentes em determinada sociedade compreendem a realidade, significando-a a partir de suas formulações históricas.

Criada pelo o psicólogo social romeno Serge Moscovici, em 1960, a teoria entende que “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” (MOSCOVICI, 2000, p.40). Dessa forma, a expressão “representação social” (RS) é usada para definir a necessidade humana de “familiarizar o não-familiar” (MOSCOVICI, 2000, p.25). Moscovici (2000, p.31) explica, a partir de uma perspectiva sociocognitiva, que “nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos.”

Sendo assim, aquilo que esperamos encontrar na realidade é sempre permeado e influenciado por aquilo que aprendemos em uma dada cultura, da qual fazemos parte, isto é, da visão que ela adota para representar a realidade e valorizá-la. Sobre a base de desenvolvimento teórico, Moscovici (2000, p.175) aponta que “a primazia das representações ou crenças, a origem social das percepções e das crenças e o papel, algumas vezes de coação, dessas representações e crenças - são o pano de fundo sobre o qual a teoria das representações sociais se desenvolveu.”

Como toda perspectiva teórica, a teoria das representações sociais é também objeto de interpelações e divergências. Para Gustav Jahoda, por exemplo, a teoria é vaga na construção dos conceitos, contribuindo assim para o obscurecimento das problemáticas enfrentadas pela psicologia social, de modo a não agregar nada novo (MOSCOVICI, 2000). Como resposta a isso, Moscovici afirma que

O fato de uma teoria ser vaga é, na verdade, em grande parte, uma questão de ponto de vista. [...] Na psicologia social contemporânea, as atitudes aparecem como disposições cognitivas ou motivacionais, de tal modo que a ideia duma conexão inerente entre comunicação e representação evaporou. (MOSCOVICI, 2000, p. 23).

Outro ponto recorrente na crítica à teoria das RS's está associado ao sufixo “cognitivo” que ela carrega. Sua construção numa perspectiva sociocognitiva é alvo de críticas das teorias construcionistas e construtivistas como a teoria do discurso, nomeando a teoria das representações sociais “como sendo um anexo tardio da psicologia cognitiva ‘modernista’.” Somado a isso, persiste a acusação de parcimônia do autor no desenvolvimento dos conceitos explicativos e da teoria de forma geral. Sobre isso, Moscovici diz que “aqui, o fato de a teoria das representações sociais ser vaga deve-se ao seu afastamento insuficientemente radical dum discurso ‘mentalista’[...]”. (MOSCOVICI, 2000, p.24) E conclui o autor: “Apesar de tudo o que seus críticos possam sugerir, a teoria das representações sociais se mostrou suficientemente clara e precisa para apoiar e manter um crescente corpo de pesquisa, através de diversas áreas da psicologia social.” (MOSCOVICI, 2000, p. 25)

Não obstante a existência de críticas, diversos autores, como Castro *et. al.* (2020), Santos *et. al.* (2013) ou Borini e Cintra (2002) apontam para a relevância do estudo das representações sobre o tema da velhice na sociedade contemporânea. A produção acadêmica disponível indica que, de forma geral, a vinculação principal entre a teoria das representações sociais e a fase da velhice, tanto como um conceito da gerontologia quanto como um momento do ciclo da vida, se desenvolve no campo da sociabilidade. Ao focar a esfera social do envelhecimento, as representações sociais têm o dever de respeitar as vivências, a partir da consideração do contexto psicossocial no qual aquele idoso em específico chegou à sua velhice. (CASTRO *et. al.* 2020)

Desse modo, nos deparamos com uma afinidade que se desenvolve pela interseccionalidade entre história de vida, representações antigas ou novas e contexto atual de vida do idoso. A percepção que um idoso terá de sua qualidade de vida estará atravessada não somente por suas condições atuais de vida, mas também pelas vivências, dificuldades e facilidades que esse idoso teve em seu percurso, até atingir a idade avançada (VIEIRA *et. al.* 2012). Trata-se de um contraponto à visão individualista da velhice e do envelhecimento, que prejudica e culpabiliza idosos adoecidos. A forma como se leva a vida é um ponto importante que deve ser considerado, porém não é o único a influir sobre a evolução do envelhecimento. Deve-se considerar fatores sociais como crises, guerras, trabalho, desigualdade de acesso a bens básicos de consumo, acesso a saúde de qualidade a preço acessível, entre muitos outros fatores. Assim, se abre a possibilidade para pensarmos nas particularidades de cada sujeito e nas diferentes representações que circundam a imagem do que é ser idoso (e do que é ser velho) e do que é estar envelhecendo. Adjacente a isso, Borini e Cintra (2002) afirmam que

Uns ‘verbetes’ são comumente utilizados para designar a idade onde o envelhecer é mais notado: velho, idoso, terceira idade, melhor idade, idade madura. **As marcas e signos que acompanham cada palavra conferem uma certa identidade a cada “tipo” das pessoas envelhecidas; há com efeito uma construção social da velhice.** Ao “velho” são atribuídas as imagens de doença, solidão, inatividade. O termo idoso é utilizado em documentos jurídicos, para efeito de leis e direitos deste grupo da população e para a Terceira Idade são atribuídos signos de saúde e bem-estar. (BORINI; CINTRA, 2002, p. 569, grifo nosso)

Da Costa e Freitas (2010, p. 18) afirmam que “o sistema de representações sociais sobre a velhice constitui um conjunto dinâmico destinado não somente à interpretação, mas, sobretudo, à reinvenção da velhice no cenário pós-moderno.” Desse modo, para os autores, essa reinvenção acontece a partir da construção de um ideário de terceira idade e envelhecimento ativo que excluem/culpabilizam outros tipos de envelhecimento. As alterações científicas e políticas tiveram um forte peso na mudança da imagem social que a velhice carregava até então. Uma mudança nos paradigmas da velhice, indissociável da realidade capitalista, permitiu que um espaço diferente fosse aberto, ao que é frequentemente nomeado como terceira idade. Historicamente, essa designação deriva de uma comparação com o campo econômico, visto que foi feita a partir das denominações de primeiro, segundo e terceiro mundo, definição dada aos países que, durante a guerra fria, se alinharam ao capitalismo (primeiro mundo), ao socialismo (segundo mundo) ou buscaram uma terceira via, conciliando as duas formas de organização socioeconômicas (terceiro mundo) (DA COSTA; FREITAS, 2010). Nessa comparação, ao primeiro mundo corresponderia a primeira idade, ou juventude, fase de desenvolvimento, progresso e sucesso da vida humana. À segunda fase da vida humana, ou adultez, corresponderia o momento de estabilidade e continuidade de um nível de desenvolvimento já atingido. Por fim, ao terceiro mundo, ou velhice, também chamada não coincidentemente de terceira idade, estaria relegado o lugar de atraso, decadência e retrocesso, em relação aos outros momentos da vida.

A reinvenção da velhice mencionada por Da Costa e Freitas (2010) está associada a essa mudança de valores e significados dados socialmente aos termos, de modo que se tornou possível a criação de diferentes representações para cada nomenclatura. Como afirma Boaventura (2012, p.19) “várias nomenclaturas são utilizadas para designar a palavra velhice, a saber: velho, idoso, terceira idade, velhote, melhor idade, dentre outros.” Em nossa sociedade, as diversas formas de nomear um idoso estão envolvidas em diferentes representações sociais que este pode ter, e que são dotadas de certo nível de gradação. Vemos que “geralmente, as pessoas que são chamadas de ‘velhas’ são caracterizadas como sofredoras de alguma doença, feias, tristes, solitárias e abandonadas” (BOAVENTURA, 2012, p. 20). Dessa forma,

o termo ‘velho’ descreve um idoso que está em um local de relativo descrédito em relação a sua rede de convivência. Já o termo ‘idoso’ seria usado para afirmar um local mais privilegiado desse sujeito, que tem mais condições para se manter de forma autônoma. (BOAVENTURA, 2012). O termo sempre está presente em documentos oficiais, visando a manutenção da imagem respeitosa à velhice. Já o termo ‘terceira idade’ foi criado na França, visando a ampliação das dimensões da velhice. “A ideia de terceira idade nos remete a uma velhice produtiva e, sobretudo, ativa.” (BOAVENTURA, 2012, p. 23)

Desse modo, fica claro que cada um dos três termos, usados para fazer referência à velhice, carrega uma representação que lhe foi investida pela sociedade ocidental. A escolha pelo uso de um termo em prol de outro está envolvida em muitos fatores representacionais, na opção do próprio idoso e no contexto em que uma dada relação acontece. Portanto, a partir destes estudos, podemos notar uma aproximação bem marcada entre o uso da palavra enquanto signo já ancorado e objetivado cognitivamente, passando a funcionar na esfera social, como um meio de reconhecimento e transformação do não-familiar em familiar, isto é, como um identificador, e quando com força suficiente, ditador de ações consideradas corretas para o grupo etário em questão.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O estudo realizado baseou-se em uma pesquisa de campo qualitativa, com enfoque descritivo/comparativo. Segundo Cozby (2003, p.124), a metodologia qualitativa “pode focalizar os temas que emergem na discussão e a maneira de pensar” se expressando com imagens e a linguagem em substituição aos números. Gerhardt e Silveira (2009, p.31) apontam que “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” Já Martins (2004) nos diz que

[...] as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. (MARTINS, 2004, p.292)

Para a coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada. Segundo Gerhardt e Silveira (2009) nas entrevistas semiestruturadas o pesquisador desenvolve

questões sobre seu tema de interesse de forma aberta, permitindo a fala livre do entrevistado no decorrer das perguntas. Já em Triviños (1987) vemos que a

[...] entrevista semi-estruturada, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

E, ainda, segundo Nunes *et. al.* (2016, p.148) “a entrevista semi-estruturada, busca alcançar uma maior profundidade nos dados coletados, bem como nos resultados obtidos [...]”. O critério para a seleção das participantes foi pela estratégia conhecida como bola de neve, a partir da rede de contatos do pesquisador. A estratégia de bola de neve, com a adesão voluntária de um informante inicial, permite a indicação de novos participantes por parte dos entrevistados, considerando sua disponibilidade. Desse modo a amostra é não-probabilística e intencional.

Foram entrevistadas oito mulheres idosas. Todas as participantes eram residentes em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, com uma média de idade de 70 anos, sendo a mais jovem com 64 anos e a mais idosa com 86 anos. Associado ao roteiro de entrevista, utilizou-se a técnica da trama associativa.

[...] Ela consiste em colocar um círculo numa folha com o estímulo que se pretende inserido no seu interior. Com este estímulo, é pedido ao sujeito que efetue evocações com ele relacionadas. [...] Para tal, é colocada uma questão aberta que permita ao sujeito efetuar associações livres. É importante registrar tudo o que o sujeito verbaliza, bem como a ordem por que vão aparecendo estas verbalizações. [...] Complementarmente, pode ainda ser pedido aos sujeitos que indiquem por que ordem aparecem as evocações, grau de importância de cada uma delas e que relações se podem estabelecer entre as várias evocações. (ROSA *apud* PEREIRA, 1997, p.50).

A escolha por entrevistar mulheres está embasada no dado demográfico que aponta que “As mulheres são maioria expressiva nesse grupo (idosos), com 16,9 milhões (56% dos idosos).” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018). De início foi solicitado às idosas que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Segundo Cozby (2003), este é um princípio ético que exige que os participantes tenham ciência sobre os procedimentos aos quais serão submetidos para que decidam sobre sua participação evidenciando a responsabilidade do pesquisador por possíveis repercussões da pesquisa. Também é válido pontuar que os participantes tiveram o sigilo de dados e de iden-

tidade preservados e assegurados. Nesta pesquisa não foram considerados critérios como os de gênero, raça/cor, escolaridade ou nível socioeconômico.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. O material será guardado por 05 anos, conforme determinado no inciso IV do artigo 28 da Resolução nº 510, do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Decorrido o prazo legal, as transcrições serão destruídas. Os dados coletados serão analisados a partir da análise fatorial de correspondências (AFC), usando conceitos como os de ancoragem e objetivação para desenvolver o entendimento do envelhecimento enquanto um objeto representacional. Desse modo, o presente estudo se propôs a seguir o que Moscovici denominou de estudo científico das representações:

Se as representações sociais servem para familiarizar o não-familiar, então a primeira tarefa dum estudo científico das representações é tornar o familiar não-familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômenos e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas. (MOSCOVICI, 2000, p.25).

Segundo Pereira (1997) está é a abordagem mais adequada para o tratamento de dados qualitativos. A AFC trata as variáveis pensando as suas aproximações, por meio de correlações.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já indicado, foram entrevistadas oito mulheres idosas, conforme mostra o quadro abaixo:

Tabela 1 – Organização das entrevistadas

Nome fictício	Idade	Escolaridade	Com quem mora?	Se descreve idosa?
Marta	65 anos	Ensino fundamental	2 filhos adultos	Não
Odete	67 anos	Ensino superior	Marido idoso e 2 filhos	Não
Úrsula	71 anos	Ensino superior	Sozinha	Não
Joana	66 anos	Ensino infantil	Com o esposo idoso	Sim
Luana	64 anos	Ensino médio	Com o esposo e mãe idosos e uma irmã mais jovem	Não
Cássia	78 anos	Ensino fundamental	Com uma das filhas	Sim
Silvana	86 anos	Ensino infantil	Com uma filha já idosa, uma mais jovem e o genro idoso.	Não
Gisela	64 anos	Ensino superior	Mora com duas filhas, três netos e genro	Não

A análise dos dados encontrados em campo foi delineada a partir de duas categorias principais: a) a velhice como perda, desgaste ou desvantagem e b) a velhice como processo de desenvolvimento e etapa também rica do ciclo de vida. Santos, Tura e Arruda (2013) argumentam que é comum encontrar pesquisas sobre representações e imagens do idoso, que demonstrem que esse grupo se autodescreve frequentemente de forma pejorativa e depreciativa, associando-se a perdas, desgastes e desvalorização. As representações com viés positivo também surgem em alguns casos, mas essas descrições sempre aparecem contrapostas à alguma imagem de perda e declínio.

A presença dessas duas formas de enxergar a velhice, sejam elas contrapostas ou associadas, coadunam-se com o argumento de Rabelo e Arruda (2020), indicando que a emergência do tema (velhice; envelhecimento) na sociedade é um indicador de que as representações sociais que englobam essa fase e esse processo já estavam em constante mudança. Vivenciamos, portanto, um constante processo de reelaboração das definições sociais de velhice e envelhecimento, com posições diferentes sobre o que representam os conceitos. A partir deste ponto será apresentada a articulação entre os resultados da pesquisa de campo e os dados do referencial teórico que guiou a realização da investigação, bem como a análise das verbalizações das participantes sob a ótica da teoria das representações sociais.

3.1 A velhice como perda, desgaste ou desvantagem:

As compreensões que as entrevistadas apresentam sobre o envelhecer e sobre a velhice trazem a indicação deste período ser marcado pelo enfrentamento de diferentes e múltiplas perdas. Estas envolvem, de forma imediata, as condições físicas, as relações sociais e a autonomia. Considerando isso, foi possível observar que as idosas buscaram certo grau de afastamento das definições de idoso. Das 8 entrevistadas, 6 não se consideravam idosas, mesmo estando na idade que, de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa ³(Lei 10.741, de 1º outubro de 2003), já caracteriza a velhice.

“Não. (risos) Ah nem... a minha cabeça ainda é de jovem sabe? Uma que eu não quero ser (jovem) também...” (Marta, 65 anos).

“Não! (risos) Eu me sinto jovem ainda!” (Odete, 67 anos).

“Porque eu acho que não é certo né? Pra mim a pessoa não envelhece não. Na minha mente eu sou nova, na minha cabeça, penso como alguém novo...” (Silvana, 86 anos).

³ “Art. 1.º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.” (BRASIL, p.7, 2003)

As argumentações de Marta, Odete e Silvana coadunam-se com o argumento de Rabelo e Arruda (2020) de que o estereótipo da cabeça branca, do tricô, é substituído pela figura do idoso “antenado”, que dança, comunica-se e se encontra com amigos, amigas, cria seu percurso na cidade, sem contrariar o tempo da urgência. Ou seja, uma velhice ancorada nas características da juventude contemporânea. Com base nesses indícios, “pode-se supor que a representação social da velhice desse grupo está organizada pelo princípio do contraste; entre jovens e velhos, nós e eles, e as respectivas características, que tencionam a representação na direção mais tradicional ou mais contemporânea” (RABELO e ARRUDA, 2020, p. 78). Desse modo, também podemos considerar os argumentos das idosas como influenciados pela construção da categoria de terceira idade, enquanto um movimento de mudança dos significados sociais de velhice: “Permanecer jovem apesar da idade é sinônimo de bem-estar, saúde e qualidade de vida. E na aparição desta perspectiva da velhice, surge também um mercado de consumo voltado para esta nova categoria de consumidores denominada “terceira idade” (BURILLE e BITENCOURT, 2021, p. 382).

Nascimento e Calsa (2017) confirmam a necessidade que surge na velhice, a partir da coerção social, de fugir da rotulação de idoso ou velho, já que “[...] os estereótipos dirigidos aos idosos sugerem que são pessoas inflexíveis, depressivas, solitárias, frágeis e sem energia para a vida.” (NASCIMENTO e CALSA, 2017, p. 132).

A idade eu tenho tá, mas a minha cabeça não, (risos) entendeu? A minha cabeça ainda está bem ativa. Por que antes, 64 anos, já te diziam assim, tu és idosa! Eu sei da minha idade, mas eu não me sinto, entendeu? Mas a sociedade, ela te coloca assim, parece que a idade já chegou e é um pouco cruel. Te limitam. Mas eu não me sinto. (Gisela, 64 anos).

Como uma pessoa idosa não, porque eu ainda não senti esse gostinho (risos). Não senti assim, na realidade, os detalhes que todo mundo fala que são comuns de quando se fica velho, que é ficar cansado... eles põem esse final a partir dos 60 anos por aí... as pessoas acham que é velhice. Eu acho até que é uma palavra um pouco forte para determinadas pessoas, que vêm a velhice desse jeito. Eu já vejo diferente, já vejo que é o dia a dia, desde que nascemos. (Úrsula, 71 anos).

Já os argumentos de Úrsula e Gisela trazem uma percepção da velhice associada ao declínio, também se distanciando desse grupo por se considerarem “ativas e fortes”, em contraposição aos que são velhos, “sedentários e fracos”. Sobre a esfera da atividade na velhice, Brito et. al. (2017) nos dizem que há atualmente uma dicotomia da atividade/inatividade, representativa do público idoso que participou da pesquisa desenvolvida por elas. Essa dicotomia é caracterizada pela ênfase na necessidade de realização de atividades.

Por meio da técnica da trama associativa, foi possível observar que durante as evocações decorrentes da palavra “velhice” algumas das participantes também seguiam esse formato, reiterando sua juventude e se afastando da imagem que tem de velhice. Desse modo, em concordância com outras pesquisas, observou-se que as condições de saúde física aparecem como um marcador que define, para os idosos, o seu estado de envelhecimento. Os que apresentam pior estado de saúde se consideram mais velhos do que aqueles que carregam uma percepção mais positiva da velhice. Desse modo, as autoras entendem que associar a velhice às perdas e limitações é algo que ocorre com maior frequência em idosos que estão, invariavelmente, passando por essas perdas e limitações, ou ainda, observando essas perdas e limitações em outros idosos com quem tenham convivência e/ou proximidade (CASTRO et. al. 2020). Isso se faz presente em falas como:

“Velhice, é uma pessoa que está neutra. Ela não tem condição de fazer as coisas, é dependente de pessoas que a ajudem.” [...]” (Cássia, 78 anos).

“Tem gente que fala “não, pra mim é normal.” Eu não vou falar porque pra mim não é... Eu acho sofrido, envelhecer. No físico também, a gente engorda, as rugas aparecem, tudo isso incomoda, o cabelo fica branco...” (Odete, 67 anos).

“Minha cabeça é zen, mas o meu corpo já não, já vai dando sinais... o caminhar, o correr... eu sou muito de andar de bicicleta, de correr, hoje eu não posso mais correr, pelo meu joelho...” (Gisela, 64 anos).

Como uma variação, também foi possível perceber julgamentos em relação ao próprio corpo, que ultrapassaram a ideia da limitação física, dando a entender que essas características, por si mesmas, já carregam um problema em si, atingindo a autoestima e a sensação de liberdade das idosas, novamente pelo caminho da coerção introjetada pelas regras sociais.

As minhas pernas, menino, quando você vai tomar banho, aquelas perninhas assim, aqueles ‘trenzin’ assim ‘murchin’, ah pelo amor de Deus! Você põe um maiô... Você não pode pôr biquíni, é um maiôzinho e olhe lá... Você não anda mais naquela pose, só anda meio de lado, vai entrar numa piscina é a maior dificuldade e depois pra subir, naquela escadinha... então é uma coisa que a gente fica triste. (Marta, 65 anos).

Santos, Tura e Arruda (2013) complementam argumentando que a perda também aparece relacionada a outras questões, como a vivência do luto por familiares e amigos, da capacidade física e da capacidade de trabalho. Sobre isso, os argumentos apontam a associação que se faz entre essas perdas e a sobrecarga dos familiares:

“Escuto que vai dar muito trabalho para a família. Porque fica pela mão dos outros, tudo o que precisa é um outro que vai fazer.” (Silvana, 86 anos).

“Parece que quando se fala idosos, normalmente as pessoas já acham assim... o idoso é um coitado... improdutivo né... então eu acho pesada. Porque eu já imagino alguém mesmo, já impossibilitado e dependente né... aí já é um idoso, pra mim é.” (Luana, 64 anos).

Associado a isso, observa-se um fator importante relacionado ao entendimento da velhice enquanto uma fase de perdas, que parte da compreensão de que a imagem formulada em sociedade é frequentemente a do abandono ou internação:

A velhice que todo mundo tem na cabeça por aí... pessoas abandonadas, que não tem muito apoio, principalmente familiar, isso pelo que eu conheço. Por causa dos asilos de velhos Os filhos ou netos, ou seja, lá quem for, deixam ali e desaparecem, principalmente quando a pessoa tem Alzheimer que nem se lembra mais deles. (Úrsula, 71 anos).

Idoso da impressão daquele velhinho sentadinho lá no sol que alguém colocou e depois tem que ir lá e tirar, o coitadinho que não aguenta nada... Isso é o que eu ouço, que as pessoas falam, do idoso. Às vezes a pessoa não tá nem com tanta idade assim, mas é idoso, passou dos 60 é idoso né. E assim, eu acho que no Brasil eles tratam o idoso como uma pessoa que não serve pra mais nada, que está encostado num canto. Ninguém imagina que o idoso ainda tem muito para oferecer, pelo menos a maioria. (Odete, 67 anos).

Essa compreensão é reforçada pelos estudos de Burille e Bitencourt (2021), ao afirmarem que

É comum notar entre os/as residentes (ILPI) um olhar pouco otimista em relação à vida, e não raramente a vivência é acompanhada pelas mais variadas enfermidades. O distanciamento familiar e a consequente fragilização dos vínculos afetivos são percebidos pelos/as idosos/as. O sentimento de abandono pelos/as filhos/as e a ausência de visitas são queixas recorrentes. (BURILLE e BITENCOURT, 2021, p. 384).

Na esfera da publicidade, enquanto um receptáculo das mudanças sociais, Castilhos de Araújo (2017) chama a atenção ao fato de que, na mídia, o foco dos anúncios se dá na lógica da luta contra o envelhecimento e contra os sinais da velhice, considerando a forma de divulgação de produtos e serviços que têm o papel de atenuar efeitos físicos que demonstrem a passagem do tempo, principalmente nos corpos femininos. Os argumentos das participantes podem ser compreendidos como uma forma de impacto que essa lógica anti-idade das propagandas carrega, indo para além do sentido biológico do termo, envolvendo aspectos como a negação da velhice e do cerceamento da atividade do idoso. Em contiguidade, Burille e Bitencourt (2021) argumentam que “as representações sociais do envelhecimento são produzidas e

reproduzidas pelas instituições e exteriores aos indivíduos, penetram nas mentes e conduzem determinados comportamentos.” (p. 392). Para as entrevistadas:

Velhice é uma coisa que quase ninguém aceita, mas ela acontece e não tem como você segurar. A gente acha que sempre tá jovem, mas a gente sabe que há mudanças, o pessoal não aceita mais a gente do jeito que era, proíbe muita coisa, velho não pode dançar, velho não pode correr, isso na cabeça do povo né, porque na verdade a gente pode! [...] Porque quando a gente se olha, você vê as transformações do corpo, o rosto, eu sou uma pessoa extremamente vaidosa, então tem vezes que eu me olho e eu falo assim ‘gente, eu não era assim’ (risos) mas você tem que aceitar. (Odete, 67 anos).

“Mas a sociedade, ela te coloca assim, parece que a idade já chegou e é um pouco cruel. Te limitam. [...] A velhice pra mim, hoje na sociedade parece que tu ficas estagnado.” (Gisela, 64 anos).

Além disso, é imprescindível recordar que, ainda segundo Burille e Bitencourt (2021), a construção da identidade na sociedade ocidental é atravessada pela divisão sexual do trabalho, de modo que o gênero se reafirma como um marcador importante também na análise dos fenômenos do envelhecimento. Considerando as especificidades historicamente demandadas ao gênero feminino, como a manutenção do espaço privado, a reprodução da família e o cuidado com os filhos, acaba-se relegando a mulher uma cobrança extrema logo dos primeiros sinais de envelhecimento físico. Um ponto de articulação muito recorrente nas entrevistas foi a compreensão que as idosas têm sobre o que o jovem pensa da velhice, frequentemente abordado por elas de forma negativa.

Eu acho que o jovem de hoje, ele não tem muita paciência não... E eu acho que ele se isola mais do que o jovem da minha época. E quando a gente sai, você (idoso) tem que ficar calado, porque eles não deixam a gente conversar... Palpite na conversa deles? Jamais. (risos) Acho que os jovens devem pensar que a velhice é a pior coisa do mundo (risos). Você tem que largar pra lá mesmo sabe... porque às vezes fala um pouco mais alto, não tem paciência... Porque assim, a gente tem mais que o dobro da idade deles, se eu errei, vai lá com paciência e explica. Eu fiz isso com eles! Porque eles não podem fazer isso comigo? O celular é a pior coisa que tem pra mim, porque eu não sei mexer direito... Isso aí que a gente fica chateada... (Marta, 65 anos).

“Acho que porque a pessoa que tá conversando com a outra que é mais velha, já está dependente ou carente de uma palavra amiga. As vezes a pessoa não sabe conduzir a palavra, fica debochando e criticando a pessoa.” (Cássia, 78 anos).

Os argumentos remetem a uma visão já ancorada na representação que os jovens têm da velhice, de modo que a objetivação é percebida pelas idosas principalmente na forma de tratamento que estas recebem, seja pela via do escárnio ou pela desconsideração e paulatino

apagamento social. Destarte, a falta de paciência apontada na amostra também é percebida por Rabelo e Arruda (2020) que indicam que no grupo de jovens, a falta de paciência com os idosos foi tida como o principal problema da relação entre estes e a sociedade em geral. Essa falta de paciência pressupõe uma lentidão e uma maior dificuldade de compreensão do grupo de idosos em relação ao grupo de jovens. Sobre a relação com a tecnologia, Castro e Camargo (2017) argumentam que

Os idosos buscam acompanhar a evolução tecnológica e os progressos na comunicação, para diminuir o isolamento, sentir-se parte integrante deste novo mundo, sendo que esse contexto de interações pode favorecer a promoção do envelhecimento “ativo” e contribuir para o envelhecimento “bem sucedido”, como um mecanismo compensatório diante de outras perdas. (CASTRO e CAMARGO, 2017, p. 893).

É preciso considerar também as diferentes formas com as quais o apagamento social pode ocorrer. Em sua pesquisa, Vieira et. al. (2012) apontam para o fato de que os idosos institucionalizados escolheram como um ponto de discussão o vestuário. A essa questão foi relegado o lugar de construtor de identidades, visto que no contexto das ILPI's, as roupas eram padronizadas. As autoras afirmam que ainda em contextos onde não há essa padronização, muitas vezes a escolha das roupas não é feita pelo gosto do idoso, mas sim pela disponibilidade de doações. Isso se associa ao conteúdo coletado durante as entrevistas:

Não tem roupa legal pra velho né? O velho tem que vestir roupa de velho... Aí quando você compra uma roupa mais jovem o pessoal fala assim, “isso aí não é coisa pra quem tem a sua idade não...” Eu penso que pode não ser pra pessoa, mas se eu estiver me sentindo bem com aquela roupa eu vou usar ué... Porque se a gente sai em loja, é tudo... se é de velho é de velhinho mesmo, você veste fica aquele velhinho sabe? Ajeitadinho... e eu gosto de coisa mais jovem, dentro do limite é lógico. (Odete, 67 anos).

Observa-se, portanto, que, para além da dimensão da escolha, a impressão presente na amostra demonstra a falta de opções e a necessidade de adequação da vestimenta por meio da pressão das representações sociais, criando uma coerção para os sujeitos que fogem ao familiar, lembrando a esfera “não-familiar” da velhice, isto é, aquela em que a idosa demonstra sua vaidade e autoestima relacionada ao corpo. Retornando à construção de identidades mencionadas pelas autoras, constata-se que há um fator que influencia também nas formas de se vestir. Daniel, Antunes e Amaral (2015) confirmam essa afirmação, argumentando que

É no olhar do outro que refletimos a nossa inserção no mundo e, quando esse olhar nos desvaloriza, reescrevemos dolorosamente a nossa identidade. É difícil envelhecer numa sociedade onde a esfera visual é proeminente, numa sociedade onde se oc-

ultam as rugas, os cabelos brancos, numa sociedade idadista relativamente aos mais velhos. O idadismo só pode florescer quando existe uma auto categorização e uma hetero categorização das pessoas de idade avançada como sendo aquelas que detêm um estatuto social mais baixo na “hierarquia” das segmentações pela idade.” (p.295)

E, por fim, ao abordar o assunto da aposentadoria e produtividade, foi possível observar falas que direcionaram o entendimento da improdutividade e do tempo livre como algo negativo, dos modos de tratamento observado após a aposentadoria, que mudaram no sentido de uma depreciação mascarada de respeito.

O pior nem é ser tratado como criança, o pior é quando o pessoal encosta. O encostar que eu falo é quando não liga, cuida, mas não liga muito, não deixa o idoso participar das decisões. [...] A partir do momento que começam a chamar de senhora, já mudou tudo... Senhora daqui, senhora dali (risos). Porque tem o senhora de respeito e tem aquele senhora de, porque tá velha. Aquele senhora de, “senta aqui senhora”, “a senhora tá confortável aí?” Isso aí já é problema! Isso de perguntar demais... Outra hora vira tia, outra hora vira avó! (risos) Dos 55 pra frente você já começa a sentir essa mudança. Logo depois que me aposentei, isso começou... O pessoal já começa a te ver com outros olhos. Eu via principalmente quando alguém perguntava e eu falava que sou aposentada, aí que acontecia... “ah, então tá velha mesmo, até aposentou...” (Odete, 67 anos).

Também existe a continuidade do trabalho, principalmente na realidade da velhice feminina, em que estas são convocadas na intenção de realizar o cuidado dos netos, mesmo sendo observado o dispêndio físico que essa tarefa pode provocar. A questão aqui não se situa unicamente no ato de cuidar em si, mas sim na exclusividade desse ato, na retirada do lugar de participação da idosa nas decisões e eventos familiares para realizar tão somente a função do cuidar, historicamente relegada às mulheres e muitas vezes naturalizada enquanto papel de gênero.

(...) quando a família está ali, eu reparo muito, se você vai num almoço... Algumas famílias levam a avó para tomar conta do neto, os pais ficam sentados batendo papo. Eu olho e penso, coitada. A idosa às vezes cansada, com dores... (Úrsula, 71 anos).

Como pode-se constatar, apesar dos constantes esforços,

[...] ainda persistem as representações sociais negativas sobre o envelhecimento, o velho e a velhice, oriundas de um processo histórico e sociocultural para o qual contribuíram a mídia, os âmbitos sócio familiares e alguns meios acadêmicos [...]. (RABELO e ARRUDA, 2020, P. 65)

Portanto, constata-se a partir do exposto que as representações sociais que envolvem a velhice estão associadas a aspectos negativos, que contribuem em peso para a formação de

uma “familiaridade negativa” desse grupo, sendo a sua representação um modelo do qual os indivíduos com mais de 60 anos frequentemente fogem, evitando assim uma estigmatização estatizante, preconceituosa e limitante.

3.2 - A velhice como processo de desenvolvimento e etapa também rica do ciclo de vida

A associação da velhice a um sentido negativo não é a única face que se pode delinear quando se analisam os dados colhidos em campo. Há, dentre os depoimentos, a indicação de que este momento da vida é também um período esperado e positivo do ciclo vital. De encontro com os resultados apresentados por Santos, Tura e Arruda (2013), os argumentos também indicam uma mistura de perspectivas, associando a velhice a características tomadas como positivas, mas sempre com a presença de um porém, em abertura à possibilidade de características negativas.

Normal. Velhice pra mim é uma coisa que é um processo normal, de envelhecimento sim, mas também de experiência de vida. Pra mim é um significado assim... você vai envelhecendo e vai ao mesmo tempo acumulando conhecimentos, vai juntando e isso vai acontecendo no decorrer do tempo, e vai então envelhecendo. É um processo mesmo, porque não é de uma vez que você envelhece. (Luana, 64 anos).

Houve ainda uma outra forma de posicionar essas características. De modo a definir o que há de positivo no processo de envelhecer, levando em conta a consciência sobre os acontecimentos e o orgulho por poder estar vivendo esse momento do ciclo de vida.

Envelhecer pra mim é uma dádiva de Deus, porque se estou envelhecendo é porque estou fazendo por onde. Com saúde e... e consciente das coisas que estão acontecendo comigo. Tem muita gente que não sabe conduzir a vida. Acha que só porque está envelhecendo se sente humilhado e menos que os outros. E eu acho que a gente não tem que se sentir menos que o outro não. (Cássia, 78 anos).

Velhice me lembra coisas boas, você tendo a sua família do seu lado, a velhice é boa, não é ruim. Não tendo a família não seria tão bom, isso porque não tendo filho ou parente, para eles já é mais complicado, mas nesse caso tem que conviver com os amigos né... porque aí também pode ser bom. Envelhecer é uma coisa que você já viveu em sua mocidade e agora você está vivendo a velhice. (Joana, 66 anos).

Em decorrência da sensação de orgulho apresentada nas falas acima, também foi possível observar que, falar sobre a velhice também gerou associações que naturalizam esse processo, pelo entendimento de que ele faz parte do desenvolvimento natural do ser humano, não devendo, portanto, ser tomado de forma tão aterrorizante.

“É o processo normal do mundo, em tudo, o próprio mundo envelhece. Por que pra mim, envelhecer e gastar, você usa coisas materiais que gastam muito mais rápido. Esse tempo de uso, pra mim é o envelhecer.” (Úrsula, 71 anos).

Olha, o caminho é um, mas é gozado como quando a gente é novo a gente não percebe isso... tem uma regra. Tu não vais poder retroceder no teu caminho e não tem como pegar atalho, tu só podes seguir. Esse teu seguir tem que ser pra melhorar, fazendo por ti, porque senão tu tá lascado. A se eu pudesse retroceder... (risos) (Gisela, 64 anos).

O processo de envelhecimento também foi associado à sabedoria, experiência e conhecimento. Conforme as análises léxicas realizadas em pesquisas como as de Santos, Tura e Arruda (2013) e Brito, Camargo e Castro (2017), o termo representativo mais comum em pesquisas que tratam das representações sociais da velhice é o da experiência, constituindo assim uma representação central da velhice e associando-a fortemente aos aprendizados adquiridos no decorrer dos anos. Porém, é válido destacar que em sua maioria essas respostas surgiram de sujeitos responsáveis pelo cuidado ou que tenham convivência recorrente com pessoas idosas. Surgiram termos como “preconceito, discriminação, solidão, abandono e excluída” de forma indireta e outros como “dedicação, carinho, respeito e cuidado” de forma mais direcionada. Associado a isso, a velhice também aparece enquanto um momento de constante aprendizado, para lidar com os novos desafios que se apresentam.

Envelhecer é aprender... eu tô aprendendo sabia? Eu tô aprendendo porque até para envelhecer a gente aprende. Porque, vamos dizer assim, a sociedade te limita, mas eu também... “É porque assim, minha cabeça tá lá em cima, mas eu tenho que aprender que meu corpo não é... então tenho que aprender. Por exemplo, eu gosto muito de andar de bicicleta, eu não posso mais concorrer com meninas de 17 e 20 anos, deu pra entender? O meu fôlego... então eu tô aprendendo a lidar com meu corpo, com o que eu sinto, mas sem me colocar também como doente ou dependente. (Gisela, 64 anos).

A vida da gente são etapas, a gente vai mudando. De acordo com a vivência da gente, a gente vai adquirindo conhecimento e a gente vai mudando. Então assim... foram mudanças em todas as áreas. Há hoje em dia, mais compreensão... no casamento há mais companheirismo... acho que é isso, a família se une mais, é mais compreensiva.” (Luana, 64 anos).

Envelhecer é sabedoria pra mim. Acho que a gente tem que envelhecer com sabedoria. E, aproveitar tudo o que aprendeu nesse tempo né... Porque você tem que aprender a viver de novo com sua nova condição. Porque quando você é jovem você não pensa muito, você vive. Agora quando você vai envelhecendo você tem que pôr a cabeça no lugar e pensar, agora muita coisa vai mudar. Tem que saber viver dentro dessa realidade, sem perder a liberdade, a alegria e a disposição. (Odete, 67 anos).

Como um contraponto aos depoimentos apresentados na definição da velhice enquanto uma fase de desvantagens e perdas, a aposentadoria e o tempo livre também foram abordados como um ponto positivo da velhice, o que reforça o entendimento de que as formas de envelhecer são amplas e variam também de acordo com questões individuais.

“Eu acho que a vida melhorou apesar de tudo... o que me deixou melhor com certeza foi minha aposentadoria.” - Silvana, 86 anos.

Nesse sentido, Vieira (2013) aponta ao fato de que, em sua pesquisa, os idosos de um grupo de convivência, definem o trabalho como um ponto de intersecção importante na definição de qualidade de vida, sendo este uma forma de ocupação e significação, visto como algo capaz de promover a autoestima, independência e autonomia. Argumentos que reafirmam a capacidade da mulher na velhice, seja de forma afetiva, relacional ou educacional, também puderam ser observados. Associações importantes como a maternidade na velhice, a manutenção da sensação de feminilidade, o controle sobre o uso de roupas, acessórios e também a forma como esse uso pode ou não ser feito, foram pontos importantes nos argumentos apresentados.

Eu não vejo dessa forma, eu vejo que a gente ainda está na ativa sabe... Vou ter vergonha, mas eu vou falar. Não quer dizer que eu não seja uma mulher... parece assim que tu ficaste velha, tu não poder ter certos sentimentos, mas tu és uma mulher... Eu posso ser mãe, eu posso ser idosa, mas eu sou uma mulher. Ser idosa não quer dizer que eu não tenha sentimentos, vontades... por que que eu não posso ter uma relação? Não posso sonhar? De ter uma relação legal, de conversar, de papear, eu quero ter uma relação boa. Uma paquera... porque não? Aquilo que melhora a autoestima. Porque às vezes parece que a pessoa envelheceu e acabou, mas não acabou gente! Tu só vives numa outra etapa, numa outra era, mas não acabou.

A gente continua na ativa, continua gostando de roupa, de perfume... Minha filha no dia do meu aniversário eu já aviso, não vem com negócio de panela pra perto de mim não! (risos) Eu digo mesmo, eu quero é roupa. E outra coisa, uma vez ela me trouxe uma roupa, eu olhei e perguntei, “tu gostaste dessa roupa?” aí ela “a mãe, mas pra senhora...” aí eu novamente “tu gostaste da roupa? Então fica pra ti e me dá essa que tu compraste pra ti!” (risos) Tu tá entendendo? Tu não podes dar pro outro aquilo que você acha que por ela estar numa certa idade isso vai ficar bom pra ela! Comecei a notar com minhas filhas já adolescentes, vestir uma roupa, tem o botão de cima da camisa, minha filha vem e diz “mãe abotoa assim esse botão”, eu digo, “não, eu quero aberto assim”.
(Gisela, 64 anos).

Todos esses temas, em conjunto, evidenciam a transformação das representações sociais, com paulatina perda de poder coercitivo delas sobre as ações dos objetos representacionais em questão. Questionar a familiaridade dessas definições permite uma quebra no mecanismo retroalimentativo das representações sociais, de modo que elas podem se atualizar,

incorporando novas características na tentativa de reabsorver as mudanças atualmente desestabilizadas.

Desse modo, em concordância com Da Costa e Freitas (2010), entende-se que, especialmente no que se refere às representações sociais que envolvem a fase da velhice e o processo de envelhecimento, é preciso “refazer as relações humanas doentes, superar o domínio do material sobre o humano, para que os velhos não mais sejam representados por outros, mas apresentem-se eles mesmos em sua velhice.” (DA COSTA e FREITAS, 2010, p. 26). Se há uma formação que oculta e apaga o real das vivências idosas, torna-se imprescindível questionar tais representações, para contribuir para a redescoberta e a revalorização dessa fase.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada, realizada a partir da teoria das representações sociais, teve o objetivo de analisar as representações sociais de idosos sobre o envelhecimento e a velhice, de modo a compreender como esse processo impacta a vivência dos próprios idosos em suas relações sociais e em sua qualidade de vida. Desse modo, a realização do projeto envolveu pesquisar o que idosos entendem por envelhecimento e por velhice, e as diferentes visões que tiveram desse processo e dessa fase no decorrer da vida. De forma geral, concordamos com Magnabosco-martins et. al. (2009), quando estes afirmam que

O idoso é pensado pelo que ele faz ou deixa de fazer, por sua atividade. O termo “idoso” comporta certa ambiguidade nesta classe, pois ele aparece associado tanto a aspectos positivos como negativos [...]. A recusa em não se denominarem como idosos permite aos integrantes dessa classe não assumirem as características de conotação negativa que esse rótulo pode carregar. (MAGNABOSCO-MARTINS et. al. 2009, p. 839).

Dessa forma, o presente trabalho associa-se à busca por contribuir para a revisão do olhar sobre a velhice, isto é, com a associação dessa fase a aspectos que de fato correspondam à realidade do envelhecimento, que não culpabilizem o sujeito idoso por suas dificuldades, que não o infantilizem nem o limitem enquanto sujeito, somente por sua idade. Compreender as representações pode contribuir para a formulação de políticas públicas que possam acelerar o processo de “tornar o familiar, não-familiar”, aumentando o destaque, o contato e o respeito da sociedade com os sujeitos idosos. Por fim, faz-se necessário sinalizar a necessidade de ampliação da produção teórica sobre o tema das representações sociais sobre a velhice, espe-

cialmente considerando-se as transformações sociais que têm marcado as sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Vanessa Cunha. **Representações Sociais da Velhice**: estudo realizado junto aos jovens do ensino médio do Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e do Colégio Simonton, Cachoeira – BA. 2012. Monografia (Especialização em Serviço Social) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2012.

BORINI, Maria Lúcia Olivetti. CINTRA, Fernanda Aparecida. Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20020075>. Acesso em: 20 Dez. 2022.

BRASIL. **Estatuto do Idoso e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. 66 p.

BRITO, Annie Mehes Maldonado. CAMARGO, Brígido Vizeu. CASTRO, Amanda. Representações Sociais de Velhice e Boa Velhice entre Idosos e Sua Rede Social. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 5-21, nov. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000100002. Acesso em: 20 dez. 2022.

BURILLE, Stephanie Natalie. BITENCOURT, Silvana Maria. Gênero e envelhecimento: uma análise sobre o corpo envelhecido a partir das representações sociais compartilhadas por homens e mulheres velhos/as. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/56295> Acesso em: 20 dez. 2022.

CASTILHOS DE ARAÚJO, Denise. #VELHAPRAISSO: a representação da velhice feminina em campanha publicitária de natura. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 161–182, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3213/9583> Acesso em: 20 dez. 2022.

CASTRO, Amanda. CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/8057> Acesso em: 04 jan. 2023.

CASTRO, Jeferson Luiz de Cerqueira.; PASSOS, Ádilo Lages Vieira.; ARAÚJO, Ludglaydson Fernandes de; SANTOS, José Victor de Oliveira. Psychosocial Analysis of Aging in the Elderly: Its Social Representations. **Actualidades en Psicología**, [S. l.], v. 34, n. 128, p. 1–15, 2020. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/actualidades/article/view/35246>. Acesso em: 20 dec. 2022.

COZBY, Paul C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

CRUZ, Rosana Cancelo da. FERREIRA, Márcia de Assunção. Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. 2011, v. 20, n. 1, pp. 144-151. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000100017>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DA COSTA, Suellen Monteiro. FREITAS, Silvana Aparecida de. As representações sociais sobre a velhice. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 16–27, 2010. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/632>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GERHARDT, Tatiana. SILVEIRA, Denise. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 19. ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agência IBGE Notícias**, Brasil, 01 out. 2018. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina. VIZEU-CAMARGO, Brígido. BIASUS, Felipe. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica** [enlinea]. 2009, 8(3), 831-847[*data de consulta* 4 de Enero de 2023]. ISSN: 1657-9267. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64712155020> Acesso em: 04. jan. 2023.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, Mariana Costa. CALSA, Geiva Carolina. Velhice e juventude: revisão da produção acadêmica brasileira acerca de suas representações sociais (2005-2015). **Educ. Form.**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 131–143, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/140>. Acesso em: 20 dez. 2022.

NUNES, Ginete C. NASCIMENTO, Maria Cristina D; LUZ, Maria Aparecida C.A. Pesquisa Científica: conceitos básicos. **Revista de Psicologia**, 2016, vol.10, n.29. p.144-151. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/390>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial de envelhecimento e saúde** /World Health Organization; Brasília, 2015.

RABELO, Vanessa de Resende Cardoso. ARRUDA, Ângela. Representações em construção entre idosas e jovens expostos a novas práticas sociais na velhice. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 63-82, abr. 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/13572> Acesso em: 02 jan. 2023.

SANTOS, Verônica Braga dos. TURA, Luiz Fernando Rangel. ARRUDA, Ângela Maria Silva. As representações sociais “de “pessoa velha” construídas por idosos. **Saúde e Sociedade** [online]. 2013, v. 22, n. 1, pp. 138-147. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000100013>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Kay Francis Leal. REIS, Isabella Dias dos. SEGUNDO, João Bezerra de Moraes. FERNANDES, Magna Eugênia. MACDONALD, Talita Teilarde de Vasconcelos. Representações sociais da qualidade de vida na velhice. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2012, v. 32, n. 3, pp. 540-551. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000300002>>. Acesso em: 20 dez. 2022.